

O Tuiuti



BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR

2014 / Nº 109

Kalashnikov AK-47

A Arma Lendária





O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

EDITOR

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

PROJETO GRÁFICO/DESIGN

Fabricio Gustavo Dillenburg
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
nucleomilitar@gmail.com

ENDEREÇOS VIRTUAIS

acadhistoria@gmail.com
www.acadhistoria.com.br

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos das duas entidades, bem como da História Militar e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros, como um todo. O material publicado no informativo está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor.



EDITORIAL

Cesare Beccaria, conhecido também como Marquês de Beccaria, foi um jurista, filósofo, economista e literato italiano. Suas obras são fundamentais no estudo do Direito Penal. Em seu "Tratado dos Delitos e as Penas", de 1764, escreveu:

"As leis que proíbem o porte de armas desarmam apenas àqueles que não são inclinados nem determinados a cometer crimes. Essas leis tornam a situação pior para a vítima, e melhor para os assaltantes; servem mais para encorajar que para prevenir homicídios, pois um homem desarmado pode ser atacado com mais confiança do que um homem armado."

É justamente um outro homem de Leis, Acadêmico da AHIMTB/RS e aficcionado pela História Militar, que, neste número, conta-nos o percurso histórico de uma das mais famosas e míticas armas já criadas, o Kalashnikov AK-47. O advogado Frederico Aranha nos traz um texto que desvenda diversos aspectos desse excepcional fuzil de assalto.

De outro lado, temos um estudo sobre as raízes etimológicas do Duque de Caxias, personagem onipresente em nossos informativos e que nunca cansamos de homenagear, símbolo máximo de nossos valores e bastião do que o Brasil tem de melhor para mostrar.

Assim, adentramos 2014 com conteúdos de primeira linha, buscando oferecer maior variedade de temas, com a alta qualidade intrínseca aos trabalhos dos nossos colaboradores, Acadêmicos e Membros-Efetivos. Esperamos, mais uma vez, atender suas expectativas, com informação consistente e prazerosa leitura.

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Editor

CONTEÚDO

4 FUZIL DE ASSALTO AK-47

por Frederico Aranha

O advogado e Acadêmico da AHIMTB/
RS Frederico Aranha conta a história da
lendária arma soviética.

14 CONSIDERAÇÕES SOBRE CAXIAS

por Ten Cel Antônio Gonçalves Meira

O Historiador e Acadêmico da
AHIMTB/RJ apresenta considerações
etimológicas sobre Caxias.

16 TRANSFERÊNCIA

A delegacia da AHIMTB/RS de Jaguarão
informa sobre transferência de função de
Delegado.



Fuzil de Assalto
(‘7.62mm Avtomat
Kalashnikova AK’)

AK.47

História e Realidade



Frederico Aranha

As armas militares soviéticas e russas são funcionais, simples de operar e manter, projetadas para produção em massa. Nunca houve significativa demanda por uma boa ergonomia ou grande precisão.

Em novembro de 1942, uma Força Tarefa (Kampfgruppe) alemã composta de várias unidades desgarradas, sob o comando do General Theodor Scherer, foi isolada e cercada na cidade de Kholm (Cholm), ao sul de Leningrado. O cerco perdurou até fevereiro de 1943, caracterizado por ferozes combates urbanos. A resistência foi possível graças ao apoio aéreo da Luftwaffe - destacada operação reabasteceu ininterruptamente os defensores via lançamentos de paraquedas e à qualidade e experiência da tropa cercada. Os soviéticos lançaram quase 2.000 ataques durante os 107 dias de cerco, ao cabo dos quais unidades blindadas alemãs abriram um corredor de resgate possibilitando a retirada dos sobreviventes. Dos cerca de 5.500 homens cercados, escaparam não mais de 1.200, a maioria ferida com maior ou menor gravidade. Ocorre que havia no grupo soldados armados com a inédita Carabina Automática M42H (Machinenkarabiner MKb.42), calibre 7,92x33 mm (7,92 Kurz), tiro seletivo, carregadores de trinta cartuchos, cerca de cinquenta protótipos que se encontravam em testes de campo a que se somaram mais de mil carabinas lançadas de páraquedas. A MKb.42 evoluiu para o MP43 e este para o fuzil de assal-

to Stg44 (Sturmgewher 44). Eram armas notáveis para a época, nascidas de concepção doutrinária formulada pelos militares alemães ao fim da Grande Guerra, estabelecendo que o combate futuro seria travado a não mais de 400 m. Destarte, a munição 7,92x57 mm Mauser do fuzil regulamentar era exagerada, sendo necessário pois criar uma munição dita intermediária (de menor poder) para novas armas individuais mais leves e de disparo seletivo.

“FICOU DECIDIDO QUE ARMAS SIMILARES, DE MAIOR PODER DE FOGO, SERIAM PRONTAMENTE DESENVOLVIDAS PARA O EXÉRCITO SOVIÉTICO.”

Informação do Tenente Coronel Dr. Rudolf Forenbach publicada no jornal Wehrkunde (1/53) após a guerra, resumia o seguinte: (...) que o Grupo de Combate Scherer estava equipado com rifles de assalto. De acordo com depoimentos dos defensores, essa circunstância tornou possível resistirem... até o resgate.

Os soviéticos, impressionados com o volume de fogo de que eram capazes os infantess alemães, capturaram muitas carabinas e alguma munição 7,92 Kurz. Em meados de 1943, a Carabina MKb.42 e a Carabina M1 americana (cedida à União Soviética em grande quantidade pelo land-lease) foram avaliadas por técnicos soviéticos, ficando decidido que armas similares, empregando munição intermediária, seriam prontamente desenvolvidas para o Exército Soviético. Stálin encarregou Béria, chefe da NKVD, de supervisionar o andamento do projeto.

Em novembro de 1943, especificações da nova munição 7,62x39 M1943 mm foram enviadas a todos os Birôs de projetos de armas leves da União Soviética. Na primavera de 1944 havia pelo menos dez projetos em andamento. Nenhum dos modelos satisfez à Comissão de Testes que convocou a apresentação de novos projetos para testes no início de 1946.

Surge então Mikhail Kalashnikov, jovem sargento das forças blindadas soviéticas. Após ferido em combate em 1942, projetou uma submetralhadora enquanto se recuperava. A arma foi rejeitada, porém ele obteve transferência ao

NIPSMVO (Centro de Pesquisas e Testes de Armas Leves e Morteiros do Exército Vermelho) para continuar os estudos e trabalhar em novas armas. Ali, projetou uma carabina semiautomática baseada no fuzil americano M1 que serviu de ponto de partida para o primeiro fuzil de assalto Kalashnikov, provisoriamente denominado AK No.1 ou AK-46. Em novembro de 1946 o protótipo do AK-46 foi escolhido juntamente com cinco outros (de dezesseis submetidos à Comissão de Testes) para futuras avaliações. Kalashnikov foi enviado à cidade de Kovrov, nas cercanias de Moscou, para manufaturar sua arma numa tradicional e conceituada fábrica de armas ali existente e que abrigava um centro de pesquisas e projetos. O AK-46 era operado por gás, ferrolho rotativo com dois trancamentos (copiado do fuzil M1 e da carabina M1), pistão de gás de curto recuo acima do cano, caixa da culatra em duas partes com a unidade de disparo destacável e controle de tiro duplo (trava e seletor separados, localizados no lado esquerdo da arma).

Em dezembro de 1946, os novos fuzis de assalto foram testados no campo de tiro do NIPSMVO. Num primeiro momento, a Comissão de Testes selecionou o AK-46 com mais dois protótipos dos renomados projetistas Dementiev e Bulkin. A segunda etapa de

**ALLENDE ^**

O ano é 1971. No Chile, Salvador Allende atira com seu Kalashnikov, arma que lhe foi especialmente entregue, como presente, pelo cubano Fidel Castro.

testes incluiu as três armas (AK-46 de Kalashnikov, AB-46 de Bulkin e AD de Dementiev): o AK-46 foi considerado inferior aos seus rivais em vários aspectos e por isso rejeitado. Apesar do fracasso, Kalashnikov, usando seus contatos no Partido e contando com o apoio de membros da Comissão que foram seus superiores e colegas no NIPSMVO em 1943-1946, conseguiu persuadir o grupo de árbitros a rever os resultados, obtendo sinal verde para continuar

o seu trabalho com vistas à fase seguinte de testes. Em razão da falha técnica do AK-46 Kalashnikov e o engenheiro Aleksander Zaitsev, chefe de projetos da planta de Kovrov,

ORIGINAL v

Abaixo, uma visão do protótipo original da arma, antes das mudanças que simplificariam e melhorariam o mecanismo.



decidiram refazer o protótipo copiando soluções técnicas de sucesso de várias armas inclusive as dos outros competidores.

Por exemplo, o longo pistão de gás do recuo fixado na culatra móvel – berço do ferrolho rotativo, bem como a mola recuperadora cativa e a tampa da caixa da culatra, foram copiados do AB-46 de Bulkin; a ideia de grande folga entre o conjunto culatra móvel/ferrolho rotativo e as paredes da caixa da culatra, eliminando quase que completamente a fricção entre essas peças, foi inspirada no pioneiro fuzil de assalto AS-44 de Sudaev testado em 1944 (não passou de protótipo devido ao peso, mais de 5 kg); a trava/seletor de disparo/protetor de poeira foi copiada do fuzil de caça Remington, modelo 8, projetado por Browning.

Cabe esclarecer que a cópia de projetos e o aproveitamento de ideias de terceiros foi, certamente, incentivado pela Comissão de Testes (e de resto pela ideologia soviética), uma vez que toda a propriedade intelectual era considerada “propriedade do povo” ou do Estado. Dessa forma, qualquer propriedade intelectual de todo o tipo detida pelo Estado, podia (e devia) ser usada para o bem do povo/do Estado por qualquer cidadão ou entidade. Criar um novo e mais eficiente fuzil de assalto para o vitorioso Exército So-

viético estava certamente no topo da lista de prioridades.

Intensos testes realizados entre Dez47 e Jan48, com o fuzil KB-P-410 de Dementiev, TKB-415 de Bulkin e o totalmente novo AK-47 resultaram inconclusivos. O AK-47 foi considerado o mais durável e funcional dos três, mas inferior aos outros no quesito precisão, sobretudo em rajada (o fogo automático era e é considerado o modo preferencial de tiro para fuzis de assalto na União Soviética/Rússia). De fato, a única arma que atendeu a exigência de precisão foi o AB-47/TKB-415 de Bulkin, embora com problemas relacionados com a durabilidade de algumas peças.

Após extensas discussões, a Comissão, pressionada pelo partido e por Beria, finalmente decidiu que o ótimo é inimigo do bom, sendo preferível ter uma arma funcional, ainda que de menor precisão, do

que aguardar indefinidamente por uma superior em todos os detalhes. Ficou assentado que a produção da nova arma ficaria a cargo do grande complexo fabril de Izhevsk (nos Urais), atualmente Fábrica de Máquinas Izhevsk- IzhMash. A adoção oficial deu-se no final de 1949, sendo a nomenclatura regulamentar '7.62mm Avtomat Kalashnikova AK' (Carabina automática Kalashnikov 7,62 mm). Ao mesmo tempo foi adotada uma versão com coronha metálica rebatível (igual à coronha da submetralhadora alemã MP40) para unidades paraquedistas – '7,62 mm avtomat Kalashnikova skladnoy AKS' (Carabina automática Kalashnikov igual 7.62mm coronha dobrável).

ALTERADO v

O protótipo do AK-47, já totalmente refeito. Mais racional e simples na produção, é a síntese da arma soviética.



Foram muitos os percalços sofridos pela arma fabricada em série: o projeto original da caixa da culatra (calcado no fuzil de assalto alemão STG.44), montada com uma “caixa” de aço estampado, fixada na parte dianteira por reforçados pínos de aço usinados, causou diversos problemas nas linhas de fabricação e montagem. A pobre tecnologia (maquinaria e mão de obra inadequadas naquela época na Rússia) resultou numa altíssima percentagem de caixas de culatra rejeitadas em função de paredes mal estampadas, rebitegem imprópria de partes, má geometria do conjunto, etc. A produção foi paralisada e a revisão crítica do processo de fabricação recomendou que técnica e economicamente seria mais vantajoso retornar ao “velho método” de produção da caixa de culatra usinada a partir de um bloco de aço. A caixa da culatra foi redesenhada e após aprovação dos militares foi posta em produção na IzhMash em 1951.

Durante os anos seguintes, o AK incorporou pequenas alterações e melhorias. Entrementes, em meados dos anos cinquenta, o Exército Soviético manifestou interesse em novo fuzil de assalto mais leve e mais eficiente. A requisição pedia também um fuzil metralhador (metralhadora leve na nomenclatura russa) no mesmo calibre do AK. Testes



foram realizados em 1957-58: a equipe Kalashnikov da IzhMash submeteu um AK aperfeiçoado, com novo tipo de caixa da culatra estampada e outras melhorias. Competiu contra um número grande de armas de outras equipes de projetistas de Kovrov e do centenário Arsenal de Tula. Em termos técnicos, o AK participou prejudicado nesses testes, pois certas armas rivais mostraram-se teoricamente mais eficientes em combate e com custo menor de produção. A Comissão de Testes decidiu mais uma vez que o ótimo é inimigo do bom e recomendou o AK melhorado para adoção, dado seu bom desempenho em combate e a familiaridade entre a tropa, afora detalhes técnicos conhecidos da indústria. Foi adotado em 1959 com a nomenclatura oficial AKM (‘Automat Kalashnikova Modernizirovannyj’ – Fuzil Automático Kalashnikov Modificado) juntamente com o fuzil metralha-

O CRIADOR ^

Mikhail Kalashnikov (1919-2013), extraordinário projetista de armas e criador do AK-47, visto aqui com sua obra maior. Sentia "dor espiritual insuportável" pela invenção.

dor RPK (‘Ruchnoy Pulemyot Kalashnikov’ – Metralhadora Leve Kalashnikov) no mesmo calibre 7,62 mm M43 e peças e acessórios intercambiáveis com o AKM. O Arsenal de Tula juntou-se à IzhMash para fabricar o AKM.

As alterações básicas do AKM, comparado com o AK, foram a introdução da caixa da culatra estampada ao invés de usinada e sistema de disparo melhorado com o acréscimo de um redutor de velocidade em rajada. A instalação de um freio de boca removível foi também importante: o dispositivo na forma de colher é parafusado na extremidade do cano e utiliza a força dos gases do disparo para “empurrar” o cano para baixo e para a esquerda (visto a tendência da arma de girar para a direita

em fogo automático), melhorando consideravelmente o grupamento da rajada. O freio de boca pode ser substituído por o abafador de som 'PBS-1' que requer munição especial subsônica com projétil mais pesado. Outra mudança foi a troca da alça de mira do AK, graduada de 100 a 800 para 100 a 1000 m. Sejam 800 ou 1000 m, trata-se de distâncias muito otimistas para o emprego prático, uma vez que o tiro efetivo está limitado a não mais de 300 m, talvez menos. A coronha de madeira maciça foi substituída por uma de madeira laminada.

Outra criação de sucesso da equipe Kalashnikov na IzhMash, é a metralhadora média PK/PKM, dotação regulamentar do Exército Soviético/Russo, empregada com bipé; acoplada a um tripé modular; montada em meios blindados, em helicópteros, barcos, etc., no velho calibre 7,62 mm Mosin-Nagant 1891. É adotada por mais de 50 países.

Em 1974, o Exército Soviético adotou a munição 5,45X39 mm sendo o AKM adaptado para o uso da munição e designado AK-74.

O AKM, todavia, nunca foi declarado oficialmente obsoleto e retirado do serviço ativo. Algumas tropas regulares ainda estão armadas com o antigo AKM da era 1960. Há, também, um crescente interesse nas armas calibre 7,62 mm M43, posto que muitos militares ficaram desapontados com o desempenho da munição 5,45X39 mm M74 durante o engajamento em conflitos nos anos 80 e 90. Algumas tropas especiais russas (polícia do Exército e unidades do Ministério do Interior), operando atualmente na Chechnya, estão armadas com o venerável AKM, calibre 7,62 mm M43.

VISÃO EXPLODIDA v

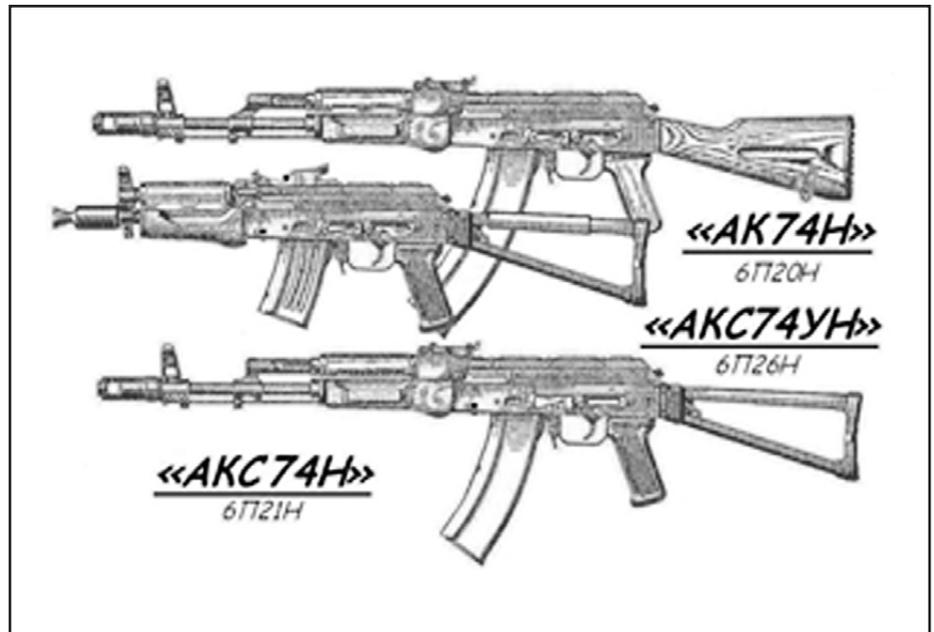
Mesmo com os avanços da arma, sua concepção permaneceu lógica e de rápida fabricação, com baixos custos.



O AK e o AKM foram amplamente exportados para países e regimes pró-soviéticos ao redor do mundo. Licenças de fabricação e projetos e até plantas industriais inteiras foram transferidos gratuitamente para países do Pacto de Varsóvia (Albânia, Bulgária, Alemanha Oriental, Hungria, Polônia, Romênia, Iugoslávia) além da China e Coreia do Norte. Certos países amigos "não comunistas", Egito, Finlândia, Iraque, também receberam licença de fabricação. Há quem afirme que foram fabricados 100 milhões de unidades da família AK. Entretanto, dados realistas apontam para não mais de 70 milhões, a maioria fabricada fora da Rússia, quantia esta, de qualquer modo, formidável. O AK-47 e sucedâneos é adotado por mais de 70 países e preferido pelos grupos insurgentes, terroristas e pelo crime organizado no mundo inteiro. Deve-se essa predileção à facilidade de manejo e à exigência de manutenção mínima, possibilitando que qualquer pessoa rapidamente domine o emprego da arma. Especialistas apelidaram o AK-47 de "qualquer terreno" visto que funciona nas condições mais adversas, sob chuva, lodo, areia e sua operação é muito simples: basta acionar a alavanca de manejo, o cartucho é colocado na câmara e logo abaixo há o seletor fácil de manejar, autorizando fogo semiautomáti-

co ou rajada; é algo simples e seguro. É unanimemente considerado a arma militar portátil mais confiável de todos os tempos e seguramente a que mais mortes provocou.

Recentemente, foi apresentado pela Izhmash o fuzil de assalto AK-12, quinta geração do AK, com alterações visando principalmente a simplificação do manejo por o operador e mais precisão. A ação é a tradicional; o sistema de segurança foi deslocado para a parte de cima da empunhadura, bem como a seleção de tiro (separada), ambas ambidestras, facilitando sobremaneira o acionamento; a alavanca de manejo da ação foi deslocada do lado direito para o esquerdo; o cano é flutuante, resultando em maior precisão; a coronha é dobrável e regulável na altura e comprimento; o fuzil está dotado de trilhos picatiny propiciando a instalação de vários acessó-



rios (visores opto eletrônicos, aparelhos de pontaria acionados por raio laser, "range finders", lanternas, visores noturnos, lança granadas, etc.). É oferecido em vários calibres: 5,45x39 mm M74, 7,62x39 mm M43, 5,56x45 mm NATO, 7,62x51 mm NATO, 9x39 mm subsônico, 6.5mm Grendel,

RESISTÊNCIA v

As características de resistência do AK são impressionantes, sujeitas a qualquer ambiente e desafio, e capazes de gerar um efeito psicológico temível, no inimigo.

FAMÍLIA DIVERSIFICADA ^

No topo, AK-74, carregador de 40 tiros; no meio AK-74 YH, carregador de 20 tiros; acima, o AK-74, carregador de 40 tiros, coronha dobrável metálica.

12 Gauge e outros. De acordo com a fábrica o fuzil pode ter uma infinidade de configurações, combinando diferentes coronhas, diferentes canos de diversos tamanhos, diferentes calibres e diferentes controles de disparo.

Aprovado pelo Exército Russo foi adquirido em quantidade limitada para unidades especiais (será distribuído em 2014), uma vez que há mais de 10 milhões de AKs, de diversos modelos, em estoques disponíveis sob controle do Ministério de Defesa russo.

Considerações Finais

Na IIª Guerra Mundial o Exército Vermelho deslocou-se por territórios anteriormente ocupados pelos alemães tornando-se o poder militar predominante na região. No



decorrer da guerra os militares soviéticos equiparam e treinaram unidades combatentes na Europa Oriental, que se tornariam os novos Exércitos nacionais subordinados

“NO INÍCIO DOS ANOS 60, MIKHAIL KALASHNIKOV NÃO ERA MAIS, HÁ ALGUM TEMPO, ESPECIALMENTE IMPORTANTE PARA O SISTEMA SOCIALISTA DE PRODUÇÃO DE ARMAS.”

ao alto comando soviético. Durante os primeiros tempos da Guerra Fria esse arranjo era razoável e aceito pelo Kremlin. No entanto, os países aliados organizaram a NATO (Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN) em 1949, concedendo, ao mesmo tempo, o agreement para a criação da República Federal da Alemanha. O Kremlin reagiu fundando a República Democrática Alemã (DDR) no território sob ocupação soviética na Alemanha Oriental. Em 1955, a Alemanha Ocidental juntou-se à OTAN. O Kremlin contra atacou organizando o Pacto de Varsóvia (Tratado de Amizade, Cooperação e Assistência Mútua) integrando todos os países satélites, cujo moto, ironicamente, era União pela Paz e pelo Socialismo. O significado inicial desse pacto político-militar foi retaliador e simbólico, na realidade uma escalada. A

corrida armamentista estava recém começando, estimulada pelo artigo 5º do tratado, pelo qual os países membros aceitavam um comando unificado. No final de 1955, circularam detalhes das ordens recebidas pelos comandantes dos exércitos do Pacto, pelas quais eram responsabilizados por o suprimento de “equipamento militar compatível com o sistema de armas aprovado”. Esse linguajar traduzia simplesmente que só seria distribuído equipamento de origem soviética, incluindo as mais comuns das armas - munição e armas leves. Significava a padronização de todo o equipamento militar do bloco Oriental, conceito que se tornou a pedra de toque do Pacto de Varsóvia. Isso tudo fazia sentido para travar uma guerra que nunca ocorreu.

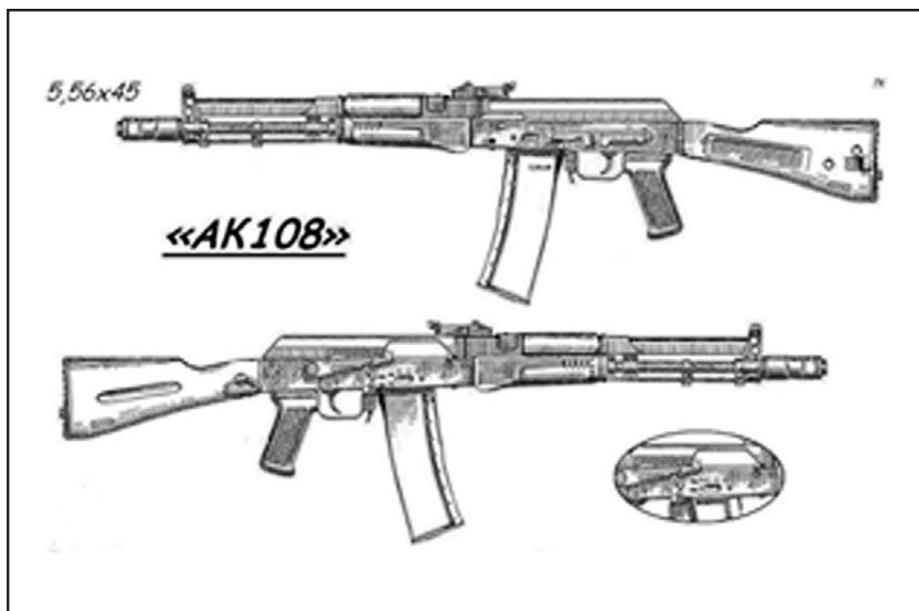
O fuzil de assalto foi um produto do militarismo socialista. A produção, venda e distribuição não eram controladas por forças do mercado, conecta-

das que estavam a decisões centralizadas e objetivos nacionais. O Pacto de Varsóvia pôs o fuzil de assalto AK-47 no centro de uma franquia socialista de armas que gerou uma superprodução de armas. Os membros do bloco proveram armas para conflitos longínquos até muito depois do fim do Pacto, estendendo por caminhos indelévels a influência do tratado muito além da região.

No início dos anos 60, Mikhail Kalashnikov não era mais, há algum tempo, especialmente importante para o sistema socialista de produção de armas. Estas, carregando seu nome, já estavam criadas. O volume e locais de produção dessas armas, a distribuição e o uso do nome estavam fora do seu

MODELO NATO v

Abaixo, o AK-108 calibre 5,56x45 mm NATO, ação balanceada (contra recuo), carregador de 30 tiros, produzido para exportação.



controle. Ele passou a ser apenas uma figura pública: a história e sua face.

•

Variantes do AK:

Calibre 7,62x39 mm M43
Mod. 1948/49 - O mais antigo, caixa da culatra Tipo 1 estampada. Muito raro; Mod.1951 - Caixa da culatra usinada; câmara e cano cromados; Mod.1954 (1955) Caixa da culatra usinada mais leve; peso 3.47 kg; AKS - Coronha rebatível; AKN (AKSN) - Base para instalação de mira noturna.

Modernizado:

AKM - Versão mais leve do AK-47; caixa da culatra tipo 4, estampada e rebitada; peso 2,93 kg; modelo produzido em maior número; AKMS - Coronha rebatível; AKMN (AKMSN) - Trilho para mira noturna;



AKML (AKMSL) - Bocal supressor de chamas e trilho para mira noturna; RPK - Metralhadora leve - RPKS, RPKN (RPKSN), RPKL (RPKSL) - os modelos com "S" têm coronha dobrável.

Calibre 5.45x39mm M74.

AK-74 e RPK-74; AK-74 - Fuzil de Assalto; AKS-74 - Coronha dobrável; AK-74N; (AKS-74N) - Trilho para mira noturna; AKS-74U - Carabina automática; AKS-74UN - Trilho para mira noturna; RPK-74 - Metralhadora leve; RPKS-74 - Metra-

ACESSIBILIDADE ^
Por seu baixo custo e relativa facilidade de obtenção, além do poder de fogo devastador, o fuzil foi (e é) preferido por guerrilheiros e rebeldes, no mundo todo.

lhadora leve com coronha dobrável; RPK-74N (RPKS-74N) - Trilho para mira noturna.

Série 100:

Calibres 5.45x39mm / 5.56x45mm / 7.62x39mm
AK-74M/AK-101/AK-103 - AK-74 modernizado; base para miras opto eletrônicas, coronha dobrável; AK-107/AK-108 - Ação de recuo balanceada; AK-105/AK-102/AK-104 - Carabinas automáticas; RPK-74M / RPK-201 / RPKM e RPK-203 - Metralhadoras leves; OTs - 14 Groza - fuzil assalto bullpup;

< IRMÃOS MAIS NOVOS

Fuzil de Assalto AK-12 ('Avtomat AK12'), calibre 5,45x39 mm M74, semi automático, rajada de três disparos e rajada total, carregador tambor de 95 tiros (carregadores lineares biflares de 30, 40, 45 e carregador linear quadrifilar de 60 tiros), coronha dobrável regulável, trilhos para acessórios, lança-granadas GP30 calibre 40 mm. Na imagem inferior, metralhadora de emprego geral PKM (Pulemyot Kalashnikova Modernizirovanniy), calibre 7,62x54 mm R. Alimentada por cintas metálicas não desintegráveis de 100, 200 e 250 cartuchos.



calibres 9x39 mm, 7,62x39 mm M43.

Série AK-12 – Família de armas em vários calibres e configurações.

Espingardas:

Saiga-12 – calibre 12; carregadores lineares de 5 e 10 tiros; montada no chassis AK; Saiga-12S – coronha dobrável; Saiga-12K – cano curto; Saiga-20 (S/K) – calibre 20.

Saiga-410 (S/K) – calibre .410; KSK – espingarda de combate calibre 12 (baseada na Saiga-12); Vepr-12 Molot – espingarda de combate calibre 12; montada no chassis RPK.

Submetralhadoras:

PP-19 – carregador helicoidal; baseada na carabina AKS-74U; Calibres: 9x18 mm PM; 9x19 mm Parabellum; .380 ACP; 7,62x25 mm TT (carregador linear); PP-19-01 Vityaz – calibre 9x19 mm Parabellum.

•

Referências:

ALBUQUERQUE, Caetano M. de F. **Diccionario Técnico Militar de Terra**. Lisboa: Typographia do Anuario Comercial, 1911.

CHIVERS, C.J. **The Gun. The AK-47 and the Evolution of War**. London: Allen Lane, 2010.

EZELL, Edward Clinton. **Small Arms of the World. A Basic Manual of Small Arms** 11 th rev. ed. Harrisburg: Stackpole, 1977.

GÖTZ, Hans Dieter. **German Military Rifles and Machine Pistols 1871-1945**. West Chester: Schiffer, 1990.



EM COMBATE ^

Um soldado aguarda, com seu Kalashnikov, durante uma batalha entre civis armados e tropas pró-Ceausescu, nas ruas de Bucareste, em 24 de dezembro de 1989.

MUSGRAVE, Daniel D. & NELSON, Thomas B. **The World's Assault Rifles (And Automatic Carbine)**. Alexandria: TBN, 1967.

POPENKER, Max & WILLIAMS, Anthony. **Assault Rifle The Development of the Modern Military Rifle and its Ammunition**. Sevenoaks: Crowood, 2005.

SENICH, Peter R. **The German Assault Rifle 1935 – 1945**. Boulder: Paladin, 1987.

Dicionário de Termos Militares. Rio de Janeiro: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 1958.

Enlaces eletrônicos:

<http://otvaga2004.ru/>

<http://www.arms.ru/>

<http://forum.valka.cz/index.php>

<http://www.izhmash.ru>

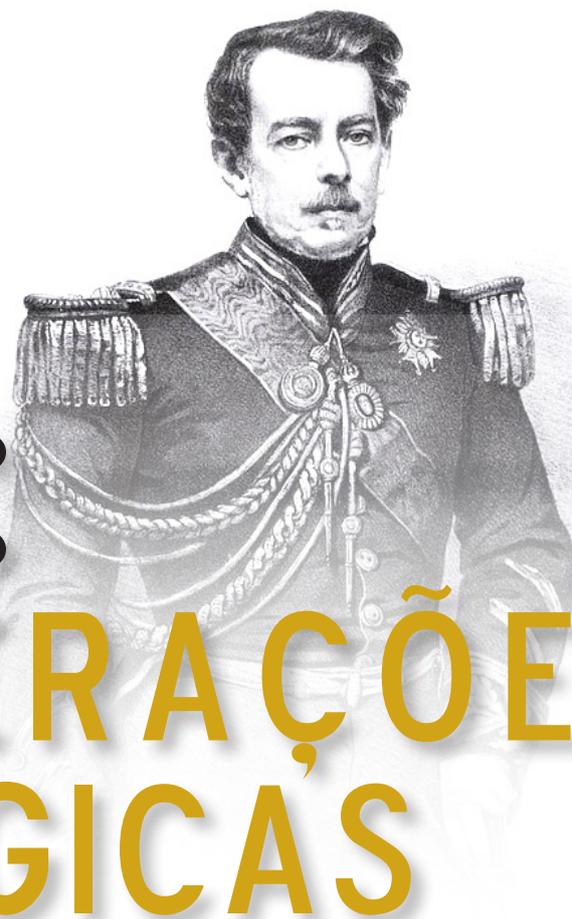
<http://indodefensedotk.blogspot.com.br/>

<http://www.orygie.ru/>



SOBRE O AUTOR

Frederico Euclides Aranha é advogado, Servidor da Justiça Federal aposentado, com Pós-Graduação em Direito Internacional pela UFRGS e Especializado em História Militar pela UNISUL. Com formação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), possui, ainda, diversos cursos de extensão e treinamento. É Acadêmico da AHIMTB/RS (Academia de História Militar Terrestre do Brasil Rio Grande do Sul).



CAXIAS: CONSIDERAÇÕES ETIMOLÓGICAS

TEN CEL ANTÔNIO GONÇALVES MEIRA
HISTORIADOR ACADÊMICO AHIMTB/RJ

Caxias é topônimo que, entre nós, transita para categoria pessoal com a titulação de Luiz Alves de Lima e Silva para o baronato de Caxias, em 1841. Depois conde, marquês e duque, o topônimo que lhe indica a carta de nobreza procede da antiga Caxias das Aldeias Altas, a seguir apenas Caxias, para assinalar o merecimento de serviços prestados na pacificação do levante maranhense da Balaiada, de 1839 a 1841.

O sítio de Caxias das Aldeias Altas, às margens do rio Itapicuru, é um dos exemplos da portuguesa de topônimos em terras brasileiras. Nomes da metrópole transpostos para cá, especialmente em regiões setentrionais e, na sua amplitude, nordestinas. O que significaria a palavra "Caxias"? Qual a sua matriz etimológica?

As perguntas buscam respostas e as nossas fontes não são esclarecedoras. O "Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa", de Antenor Nascentes, Volume Segundo - Nomes Próprios", de 1952, não inclui o verbete. Outros dicionários nossos e do gênero também omissos são.

Iremos, adiante, discorrer com assento em fonte portuguesa, a palestra comemorativa do primeiro aniversário de criação da Freguesia de Caxias, proferida, em 3 de julho de 2002, pelo Professor Rogério de Oliveira Gonçalves, Devemos ao confrade e amigo António Eleutério Sucena do Carmo, Sargento-Ajudante do Exército de Portugal, por especial atenção, cópia impressa dessa palestra e de outros registros que, sobre o assunto, estão disponíveis em arquivos virtuais.

A Caxias portuguesa é localidade de notável importância histórica, situada na margem direita do rio Tejo, já no seu desaguadouro no Oceano Atlântico, Desenvolveu-se, a hoje freguesia, ao longo da Ribeira da Macarena,

A mais antiga referência ao nome Caxias está em documento posterior à Restauração Portuguesa (1640), uma carta de Dom António Luiz de Mendonça, 3º Conde de Cantanhede, endereçada ao Rei Dom João IV, a lhe informar ter mandado estabelecer fortificações com duas baterias naquelas alturas do Tejo. Uma bateria, na Ponta de Laveiras (Forte São Bruno); outra, na Boa Viagem. Entre as duas baterias, uma trincheira de pedra e cal com esplanada de quatro canhoneiras, à espera de artilharia. Essa posição ou trincheira seria denominada Caxias.

Rogério de Oliveira Gonçalves, em sua palestra, considera três versões para a origem do nome Caxias. A primeira é a de origem no castelhano "casulas", casa pequenas. Podemos juntar, por nossa conta, que o "Diccionario Manual Ilustrado de la Lengua Espanola", da Real Academia Espanola, Espasa - Calpe, Segunda Edición, informa, ainda, que "casula" pode ser casa pequena e isolada de vigilância e guarda e, mais, almenara, local de fachos ou fogos para dar alerta à navegação noturna ou

da aproximação de embarcações inimigas. Qualquer dessas acepções da palavra "casula" é compatível, no espaço e no tempo, com a existência dessas construções ou arranjos locais. Donde "casulas", por transformações verbais, deveria ter gerado "Caxias". Leve-se ainda em conta que, de Espanha, o linguajar galego predomina, na palavra "casa" como "caxa" ou "cacha". O mesmo em "casulas", que se ouve "caxilhas" ou "cachilhas".

A segunda versão arguida é a origem no latim "quasina", rochedo ou quebra-mar, que teria dado "cássia" e, depois, "Caxias". Não encontramos "quasina" no "Magnum Lexicon Novissimum Latinum et Lusitanum", de Emanuel Pinho Cabral e José António Ramalho, Aillaud, Paris, 1867. Nele encontramos "quassare", mover com violência; "naves quassae", naus derrotadas. Há, nessas palavras citadas, a ação de violência e embate. Algo a ver com as agressões do mar, na orla de Caxias?

Finalmente, "Caxias" viria de "pedra que corta a água". Afirmo-o Rogério de Oliveira Gonçalves sem maior desenvolvimento. Se a "pedra que corta a água" se considera como um rochedo ou penedo, poderia ser, em latim, "cautes, cautis", segundo o Magnum Lexicon.

Rogério de Oliveira Gonçalves, que não é etimologista,

opta pela primeira versão - a situada em "casulas". Também é a que nos convence até pronunciamento de erudição especial.

Aquela posto "que chamam Caxias", como está na correspondência de Dom António Luiz de Mendonça, deixou o topônimo à região, hoje Freguesia de Caxias. Posto concluído em 1653, quatro anos após a comunicação de Dom António Luiz de Mendonça (1º de novembro de 1649).

Em antigos textos lusitanos encontramos, às vezes, "Cachias" em vez de "Caxias". Outra interrogação que se nos ocorre é a de possível relação de origem vocabular de Caxias com a de Cacilhas. Note-se a semelhança à "casulas". Cacilhas fica na margem oposta do Tejo (esquerda). Sítio de igual importância histórica, era o destino prioritário da travessia fluvial, de Lisboa para o Sul. A grafia antiga de Cacilhas era Cassilhas o que mais a aproxima de "casulas". Caxias deu título nobiliárquico no Brasil. Cacilhas, em Portugal, um barão e três condes.

São reflexões de conhecimento posto em dúvida que deixamos à elucidação de etimologistas ilustrados.

Delegacia da AHIMTB/RS em Jaguarão **Transferência de Função de Delegado**

Em 30 de janeiro de 2014, o Cel Cav Rogerio Marques Nunes transferiu as funções de Delegado da AHIMTB/RS em Jaguarão em decorrência da sua passagem de comando do 12º RCMec - Regimento Marechal José Pessoa, após três anos de comando.

O novo Delegado é o Ten Cel Fávio Alves da Costa, do 12º RCMec. Abaixo, a transcrição da publicação em Boletim Interno que determina a passagem das funções:

DELEGACIA DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RS – DELEGACIA GENERAL HEITOR FONTOURA DE MORAES

Entrega do cargo de Delegado

Nesta data, o Cel ROGÉRIO MARQUES NUNES entregou ao Ten Cel FÁVIO ALVES DA COSTA o cargo de Delegado da Academia de História Militar Terrestre do Brasil General Heitor Fontoura de Moraes, na cidade de Jaguarão, criada em 27 de agosto de 2012 e funcionando junto ao Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, em sua sede à rua Marechal Deodoro, 874, Centro, Jaguarão, RS.

Mensagem do Presidente da AHIMTB/RS

Nesta oportunidade, em nome dos componentes da nossa Academia e também do Presidente da FAHIMTB, Cel Cláudio Moreira Bento, desejo agradecer ao Cel Marques a iniciativa da fundação de uma Delegacia em Jaguarão. Cremos que o trabalho realizado foi excelente e profícuo. Não há dúvida de que Jaguarão é uma cidade histórica e necessitava de uma Delegacia nossa, para trabalhar juntamente com o operoso Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão (IHGJ).

Ao mesmo tempo em que nos despedimos do Cel Marques agradecendo o seu empenho e dedicação, desejamos ao novo Delegado, Ten Cel Alves da Costa, a continuação do trabalho com todo o êxito.

Concizamos ao Cel Marques, em sua nova guarnição, Santa Maria, que prossiga em seu trabalho de produção e divulgação da História Militar.

Pela AHIMTB/RS

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A AHIMTB/RESENDE – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;

- A AHIMTB/Distrito Federal – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;

- A AHIMTB/Rio de Janeiro – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;

- A AHIMTB/Rio Grande do Sul – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; e

- A AHIMTB/São Paulo – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu **View**, ítem **Page Display**, **Two Page View**, **Show Gaps Between Pages** e **Show Cover Page in Two Pages View** ligadas. Dessa forma, o informativo será exibido na forma projetada.

Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu **Visualizar**, o ítem **Exibir Página**, clique em **Exibição em Duas Páginas** e **Exibir Página de Rosto em Exibição em Duas Páginas**.



O **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis** é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo **O Tuiuti**, do que muito se orgulha.

Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço **www.nucleomilitar.com**



AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

